

Crianças na Pracinha: invisibilidade na modernidade líquida

Fabício Giraud Bueno*

Basta observarmos as praças e parques que logo confirmamos: as crianças ainda frequentam esses espaços lúdicos. O que não percebemos é que essas crianças estão sofrendo um processo de invisibilidade. Os adultos que acompanham essas crianças, em sua grande maioria, portam celulares ou *tablets*. Esses familiares, conectados ao mundo virtual das postagens e enxurradas de informações digitais, deixam de vivenciar o momento do brincar com as crianças. O infante, quando se diverte, quer partilhar esse momento com a sua família e muitas vezes exige a participação dos adultos. A tela do celular é a nova lente por onde as pessoas enxergam os jovens e adolescentes. Quando essa lente é aplicada na criança, ela perde o foco e o brincante torna-se invisível. O adulto imerge em seu mundo particular, desconsiderando a presença da menina ou do menino, que pulsam por brincar.

Por três dias eu observei duas praças de Porto Alegre. Pude constatar que ocorrem três tipos padronizados de comportamento que os categorizei como: a invisibilidade do desejo, a invisibilidade do brincar e a invisibilidade com distância. Foram quinze crianças que tentaram brincar, entretanto, tiveram o seu direito infantil ceifado pela indiferença, potencializada pelo uso excessivo da tecnologia.

A invisibilidade do desejo é caracterizada por não permitir ao infante o prazer de explorar os brinquedos: os adultos criam cenas e obrigam a criança a ficar parada para ser fotografada, com sorrisos esperançosos de que ao final poderão brincar. Em média, eles permanecem 3 minutos registrando as fotos e em seguida vão embora, para os adultos publicarem a farsa da pracinha, disfarçada de felicidade. No segundo comportamento, a invisibilidade do brincar, os responsáveis permanecem próximos às crianças. Contudo, se elas acionam o adulto, por exemplo, para empurrar o balanço ou andar na gangorra, o celular, que já estava em uso, torna-se objeto de captura de imagens. Após esse registro, a criança é levada embora. Na invisibilidade com distância, as crianças se divertem muito. São as que mais utilizam os brinquedos. No entanto, são as que mais demonstram tristeza e insatisfação com os adultos. Estes não acompanham a criança até a praça. Eles permanecem fora do ambiente brincante, já com o eletrônico em mãos. A falta de interesse é reforçada

com o distanciamento. As crianças sentem-se sozinhas e após quatro minutos, em média, perdem o desejo de explorar os brinquedos.

Bauman, na obra *Modernidade Líquida* (2001, p.18), define que "[...] o advento do telefone celular serve bem como “golpe de misericórdia” simbólico na dependência em relação ao espaço [...]”. Parece que a tecnologia invadiu o último local lúdico que garantia às crianças, mesmo por pouco tempo, um momento de visibilidade e diversão com os seus responsáveis. A satisfação virtual deteriora as relações orgânicas, o que torna o contato visual cada vez mais raro entre adultos e crianças. E você: tem trocado o brilho dos olhos de uma criança pelo fulgor do celular, mantido pela bateria que recarrega a noite toda?

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

Fabício Giraud Bueno é acadêmico de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Os conteúdos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Faculdade de Educação. Para submeter um texto no Vozes da Comunidade é necessário ser servidor ou discente da Faced e tratar de uma temática atual que tenha como interface a educação. Os artigos, com até 2,4 mil caracteres, título de até 150 caracteres (com espaço), embasamento, nome completo, CPF e número de matrícula devem ser enviados para comunicacaofaced@ufrgs.br